



Recebido em 16/10/2019
Aprovado em 6/11/2019

“Áurea Afrodite” e a ordem cósmica de Zeus na poesia hesiódica¹

“Golden Aphrodite” and Zeus’s cosmic order in Hesiodic poetry

Juarez Oliveira²

e-mail: j.oliveira@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4566-6909>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i2.29684>

RESUMO: Após uma breve contextualização acerca da concepção de fórmula, defende-se que a figura de Afrodite, sobretudo quando apresentada sob a fórmula χρυσέην Ἀφροδίτην, é essencial para compreendermos a dinâmica da linhagem dos heróis e da decisão de Zeus pelo seu fim na poesia hexamétrica grega arcaica. Associada à preposição διὰ, a fórmula teonímica é utilizada em contextos nos quais seres que ameaçam a ordem e o poder de Zeus são gerados, incluindo-se aí a própria linhagem dos heróis.

PALAVRAS-CHAVE: Afrodite; ordem cósmica de Zeus; linhagem dos heróis; criaturas prodigiosas; poesia hesiódica

ABSTRACT: After a brief presentation about the notion of formula, this paper argues that Aphrodite, mainly when presented under the formula χρυσέην Ἀφροδίτην, is essential for the understanding of the dynamics of the race of the heroes and Zeus’s decision to put an end to it in Greek early hexameter poetry. Associated with the preposition διὰ, this theonimic formula is used in contexts where beings that threaten the order and power of Zeus are born, the race of heroes included.

KEYWORDS: Aphrodite; Hesiodic poetry; race of the heroes; prodigious creatures; Zeus’s cosmic order

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestrando (2018-Atual) do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássica e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Christian Werner, bolsista CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



A concepção de fórmula

Na seminal definição de Milman Parry, fórmula é “um grupo de palavras que é regularmente empregado sob as mesmas condições métricas para expressar uma dada ideia essencial”³. O que subjaz a essa definição é a noção de que o conteúdo semântico das palavras individuais do conjunto formular escolhido pelo poeta é menos relevante que o espaço métrico a ser preenchido. Nesse sentido, para citar uma das fórmulas que Parry usa como exemplo⁴, θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη (“deusa Atena de olhos glaucos”) expressa simplesmente a “ideia essencial” Atena, sendo semanticamente irrelevante a caracterização da deusa por meio de seus olhos, cuja função única seria preencher dado espaço métrico. É claro, no entanto, que em certa medida tal caracterização é tradicional, e assim também a de quaisquer outros personagens cujas fórmulas são compostas por adjetivos ou epítetos.

Na esteira do trabalho de Parry, Albert B. Lord, que se dedicou ao estudo das tradições poéticas iugoslavas, entende a fórmula de modo semelhante ao de seu mentor, mas aprofunda a ideia ao defini-la como integrante de uma linguagem poética: “as fórmulas são frases, cláusulas e sentenças dessa gramática especializada”⁵. Fórmulas, no entanto, adquirirão maior ou menor grau de estabilidade de acordo com a recorrência das ideias às quais elas remetem⁶, de modo que elas “expressarão os nomes dos atores, as ações, tempo e lugares principais”⁷.

A ideia de fórmula como linguagem é retomada por John M. Foley, para quem elas são o que ele chama de *sémata*, isto é, “símbolos tangíveis que apontam para questões ou ideias maiores que, de outra forma, permaneceriam ocultas ou secretas, janelas que se abrem para realidades emergentes que não podem ser conhecidas de outra forma”⁸. Enquanto símbolos, as fórmulas “funcionam como marcadores idiomáticos” que “transmitem *referencialidade tradicional*”⁹. A concepção de referencialidade tradicional de Foley leva em conta que o público dos poemas é parte de um circuito comunicacional¹⁰, no qual as fórmulas inserem “a variedade

³ Parry (1971, p. 272). Todas as traduções de obras em língua estrangeira, incluindo o grego, são de minha autoria, exceto quando indicado.

⁴ Parry (1971, p. 272).

⁵ Lord (1971, p. 36).

⁶ Lord (1971, pp. 34, 43).

⁷ Lord (1971, p. 34).

⁸ Foley (1999, p. 3).

⁹ Foley (1999, p. 4).

¹⁰ Foley (1999, pp. 15-16).

de instâncias individuais em um contexto familiar, identificável”¹¹, contexto esse que se encontra no que Foley chama de *apparatus fabulosus*, que é o conjunto de histórias conhecidas da tradição poética¹². A partir dessa ideia, uma fórmula como θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη, que para Parry não diz senão “Atena”, funciona, na perspectiva de Foley, por sinédoque, isto é, refere-se a um “conceito holístico tradicional” por meio de uma parte sua que “projeta uma riqueza complexa e imanente”¹³.

Tendo em vista esse breve e parcial panorama da evolução do conceito de fórmula, a concepção que adoto no presente trabalho é a de que fórmulas são, além de recursos instrumentais para a composição poética, unidades semânticas que remetem a contextos míticos mais amplos e tradicionais, permitindo ao público ouvinte dos poemas hexamétricos arcaicos estabelecer relações de sentido a partir do conteúdo poético-narrativo.

χρυσέην Ἀφροδίτην no “Catálogo das Mulheres”

Passo agora à análise da fórmula χρυσέην Ἀφροδίτην em suas ocorrências nos poemas hesiódicos, a fim de demonstrar como ela relaciona heróis e criaturas prodigiosas¹⁴, além de atribuir importante papel à deusa no contexto da ordem cósmica de Zeus e da decisão deste deus pelo fim da linhagem dos heróis.

Considerado como continuação da *Teogonia* na Antiguidade¹⁵, o *Catálogo das Mulheres*¹⁶ hesiódico relata o enlace amoroso dos deuses com mulheres humanas e a prole consequentemente gerada. Tais mulheres pertencem à “tribo das mulheres” (γυναικῶν φύλον)¹⁷ e dão à luz a chamada linhagem dos heróis¹⁸, embora elas mesmas não sejam designadas como heroínas por termo grego algum na poesia hexamétrica grega arcaica¹⁹. Tais enlaces não ocorrem senão “por obra da áurea Afrodite”²⁰. A fórmula χρυσέην Ἀφροδίτην, que figura logo no quarto verso do prêmio associada à preposição διὰ, atribui à deusa a razão pela qual as

¹¹ Foley (1999, p. 18).

¹² Foley (1999, p. 25).

¹³ Foley (1999, pp. 19-20).

¹⁴ Adoto, ao longo do trabalho, a expressão “criaturas prodigiosas” conforme proposta de Zanon (2018, p. 98) a partir da análise dos termos que se referem às criaturas míticas que a crítica convencionou chamar de monstros. Acerca da discussão, cf. adiante “Heróis e criaturas prodigiosas”.

¹⁵ Cf. Hunter (2005, p. 1).

¹⁶ Doravante *Catálogo*.

¹⁷ Hes. fr. 1 Most, v. 1. Todas as traduções do *Catálogo* seguem a edição e numeração de Glenn W. Most (2007), de modo que, doravante, não indicarei mais o editor.

¹⁸ Hes. *Op.* 159-160: “ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἱ καλέονται/ ἡμίθεοι (a divina linhagem de varões heróis, esses chamados semideuses)”; trad. Werner (2013b, p. 41).

¹⁹ Graziosi & Haubold (2005, p. 99).

²⁰ Hes. fr. 1.4.

mulheres “afrouxaram as cintas [...] unindo-se aos deuses”²¹, gerando assim a linhagem dos heróis:

Nῦν δὲ γυναικῶν ἤφῳλον αἰείσατε, ἡδυέπειαι
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδεϋς, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο,
αἷ τὸτ’ ἄρισται ἔσαν [καὶ κάλλιστα κατὰ γαῖαν
μίτρας τ’ ἀλλύσαντο δ’ ἰὰ χρυσεῖν τ’ Ἀφροδίτην
μισγόμεναι θεοῖσιν] 5

Agora, a tribo das mulheres cantai, Musas Olímpias
de doce fala, filhas de Zeus porta-égide,
elas que um dia foram as mais nobres e [belas na terra
e afrouxaram as cintas p[or obra da áurea Afrodite
unindo-se [ao]s deuses²² 5

Embora essa ocorrência da fórmula seja um suplemento que Most propõe para esse fragmento do próemio a partir da possibilidade de poder ler a primeira letra de *διά*, há pelo menos dois fatores que corroboram a hipótese: 1) a fórmula é recorrente no poema; e 2) ela ocorre sobretudo em contextos eróticos.

No *Catálogo*, essa fórmula ocorre outras sete vezes²³ e, destas, duas são em associação com *διά*, sempre em contextos de enlace amoroso com geração de prole, como:

(A) ἢ οἱ Λαόδοκον μ[εγαλήτορα ποιμέν]α λαῶν
γ]είνα[θ]’ ὑποδη[θεῖσα διά] χρυσεῖν Ἀφ[ροδίτην

Ela para ele²⁴ Laódoco, v[iril past]or de povos,
g]er[ou, subjulgada por obra] da áurea Af[rodite²⁵

(B) Τηλεμάχῳ δ’ ἄρ’ ἔτικτεν εὐζωνος Πολυκάστη
Νέστορος ὀπλοτάτη κούρη Νηληϊάδαο
Περσέπολιν μιχθεῖσα διά χρυσεῖν Ἀφροδίτην

Para Telêmaco a bem-cingida Policasta,
de Nestor Nelida a mais jovem filha,
gerou Persépolis, unida a ele por obra da áurea Afrodite²⁶

²¹ Hes. fr. 1.4-5.

²² Hes. fr. 1.1-5.

²³ Quatro no genitivo (Hes. fr. 48.31,35; 123.17; 154.5), três no acusativo (fr. 1.4; 19.35; 168.3) e uma no dativo, cf. Hes. fr. 27.25.

²⁴ Timandra para Equemo.

²⁵ Hes. fr. 19.34-35.

²⁶ Hes. fr. 168.

Das outras cinco ocorrências, todas sem a preposição, uma tem contexto indefnido devido ao caráter muito fragmentário da passagem²⁷; duas se dão em contextos eróticos onde o enlace amoroso não se concretiza²⁸; e outras duas ocorrem em um contexto de comparação entre uma mortal e Afrodite, em chave positiva relacionada à beleza das moças.²⁹ Dessas últimas duas ocorrências, uma merece destaque por tratar justamente de Helena, por quem diversos heróis se mobilizarão a fim de conquistar sua mão em casamento, momento fundamental na sequência de eventos que resultará na Guerra de Troia:

].ου λιπαρὴν πόλι[ν εἶ]νεκα κούρης
ἢ εἶ]δος ἔχε χρυσῆς Ἀφ[ροδί]της· 5

... a brilhante cidad[e p]ela filha³⁰
que] possuía [a bele]za da áurea Af[rodi]te.³¹ 5

Com essas ocorrências em vista, pode-se concluir que, no contexto do *Catálogo*, Afrodite tem papel relevante na geração da linhagem dos heróis: é a sua influência que faz com que o enlace entre deuses e mulheres ocorra, resultando na geração desses seres. Se levarmos em consideração o *Hino Homérico a Afrodite*³², isso se apresenta como problema: nesse poema, a deusa faz, à revelia de Zeus, com que deusas e deuses envolvam-se com humanos, gerando assim filhos mortais. Como discutirei adiante, essa é uma prole que se configura como potencial ameaça à ordem de Zeus, tanto pelo seu poder, similar ao das criaturas prodigiosas, quanto pelas “linhas borradas” entre a eternidade e a potência divinas e a mortalidade e limitação humanas.

Segundo o *Hino*, Afrodite “nos deuses desperta doce desejo” e “as greis dos homens mortais submete”; afinal “os trabalhos da bem coroada Citeréia a todos concernem”³³. Entretanto, ela não persuade nem engana o coração de Atena, Ártemis e Héstia:

τάων οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ' ἀπατῆσαι·
τῶν δ' ἄλλων οὐ πέρ τι πεφυγμένον ἔστ' Ἀφροδίτην 35
οὔτε θεῶν μακάρων οὔτε θνητῶν ἀνθρώπων.
καί τε παρέκ Ζηνὸς νόον ἤγαγε τερπικεραύνου,
ὅς τε μέγιστός τ' ἐστί, μεγίστης τ' ἔμπορε τιμῆς·
καί τε τοῦ εὔτε θέλοι πυκινὰς φρένας ἔξαπαφοῦσα

²⁷ Hes. fr. 123.

²⁸ Hes. fr. 48.31, 35.

²⁹ Hes. fr. 27.25; 154.4-5.

³⁰ Helena.

³¹ Hes. fr. 154.4-5.

³² Doravante *Hino*.

³³ *h.Ven.* 2-3, 6; trad. Lafer (2005, p. 27): “ἢ τε θεοῖσιν ἐπὶ γλυκὺν ἴμερον ὦρσε/ καί τ' ἑδαμάσσατο φῦλα καταθνητῶν ἀνθρώπων/ [...] πᾶσιν δ' ἔργα μέμηλεν εὔστεφάνου Κυθερείης”.

ῥηϊδίως συνέμιξε καταθητηῖσι γυναίξιν
Ἥρης ἐκλεαθοῦσα κασιγνήτης ἀλόχου τε [...] ³⁴ 40

A esses corações não pode persuadir nem enganar,
mas dos outros nenhum consegue de Afrodite escapar
nem dos deuses felizes nem dos homens mortais; 35
conduziu até o espírito do fruí-raios Zeus,
que é grandíssimo e de grandíssima honra partilha;
e se ela quiser, dele enganando o denso coração,
facilmente o faz unir-se a mulheres mortais,
fazendo-o esquecer-se de Hera, irmã e esposa [...] ³⁵ 40

O que essa passagem demonstra é quão potente é Afrodite frente aos outros deuses e sobretudo o perigo que representa para Zeus, já que é capaz de dominar-lhe o senso e fazê-lo unir-se a mortais. Sua potência manifesta-se já no início do hino com o uso da fórmula teonímica que a nomeia como πολυχρύσου Ἀφροδίτης (“multiáurea Afrodite”). Segundo Deborah Boedeker, “esse nome-epíteto é claramente uma expansão da conhecida fórmula χρυσή Ἀφροδίτη, desenvolvida por analogia com outros substantivos-epíteto que incluem o elemento πολυχρυσ-”³⁶.

Assim sendo, Afrodite é apresentada tanto no *Hino* quanto no *Catálogo* por meio de uma fórmula que a vincula a contextos em que seu poder colabora para a geração da linhagem dos heróis, o que pode caracterizar a deusa como uma potencial oponente de Zeus. No contexto do *Hino*, em que a oposição entre ele e Afrodite é marcada, o deus revidará, fazendo com que a deusa, assim como ela faz com os demais deuses, apaixone-se por um mortal, incutindo nela “doce desejo de se unir a um homem mortal”³⁷, para que “não mais pudesse ela [...] com atrevido sorriso, gabar-se de induzir à união deuses e mulheres mortais”³⁸. Desse enlace também ela gerará um filho, o herói Eneias.

Heróis e criaturas prodigiosas

Nesse ponto, para compreendermos melhor em que medida Afrodite é importante no contexto cósmico da ordem de Zeus, é preciso ter em vista o que sejam a linhagem dos heróis e também as criaturas prodigiosas.

³⁴ Para o texto grego do *Hino*, uso a edição de Càssola (1975).

³⁵ *h.Ven.* 34-40; trad. Lafer (2005, p.28).

³⁶ Boedeker (1974, p. 26)

³⁷ *h.Ven.* 45-46; trad. Lafer (2005, p.28): “Τῇ δὲ καὶ αὐτῇ Ζεὺς γλυκὺν ἴμερον ἔμβαλε θυμῷ/ ἀνδρὶ καταθητῶ μιχθήμεναι [...]”.

³⁸ *h.Ven.* 48-50; trad. Lafer (2005, p.28): “καὶ ποτ’ ἐπευξαμένη εἶπη μετὰ πᾶσι θεοῖσιν/ ἠδὲ γελοιήσασα φιλομειδῆς Ἀφροδίτη/ ὥς ρα θεοὺς συνέμιξε καταθητηῖσι γυναίξιν [...]”.

Nomeados, em particular, de ἡμίθεοι (“semideuses”) na poesia hesiódica³⁹, os heróis compõem uma linhagem que se diferencia das outras quatro que integram o mito hesiódico das cinco linhagens, narrado em *Trabalhos e Dias*, na medida em que ela é dita “mais justa e melhor”⁴⁰. Essa linhagem tem o seu modo de vida marcado pelas guerras e pela prática de navegação⁴¹, algo que se evidencia no modo como Hesíodo descreve o seu fim:

καὶ τοὺς μὲν πόλεμός τε κακὸς καὶ φύλοπις αἰνὴ
 τοὺς μὲν ὑφ' ἑπταπύλῳ Θήβῃ, Καδμηίδι γαίῃ,
 ὤλεσε μαρναμένους μῆλων ἔνεκ' Οἰδιπόδαο,
 τοὺς δὲ καὶ ἐν νήεσσιν ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης
 ἐς Τροίην ἀγαγὼν Ἑλένης ἔνεκ' ἠυκόμοιο. 165

*E a eles guerra danosa e prélio terrível,
 a uns sob Tebas sete-portões, na terra cadmeia,
 destruiu, ao combaterem pelos rebanhos de Édipo,
 a outros, nas naus, sobre o grande abismo do mar,
 levando a Troia por conta de Helena bela-coma.*⁴² 165

Mesmo não fazendo parte do âmbito divino, os heróis podem, no contexto do *Catálogo*, envolver-se social e sexualmente com os deuses, vivendo assim em parcial proximidade com eles⁴³, “pois comunais eram então os banquetes, e comunais os conselhos/ entre os deuses imortais e os homens mortais”⁴⁴. De fato, essa linhagem é marcada no *Catálogo* “como um período excepcional e efêmero da proximidade humana com o divino”⁴⁵.

Em outros poemas, como é o caso da *Iliada*, por exemplo, essa proximidade entre deuses e heróis se apresentará como origem de desentendimentos entre os deuses: cumprindo sua promessa a Tétis de conceder glória a Aquiles e também tentando proteger Sarpédon, Zeus é repreendido por Hera; esta e Atena, deixando que Afrodite favoreça Páris mais do que elas favorecem Menelau, são repreendidas por Zeus⁴⁶. Tais desentendimentos são, assim, contrários à harmonia pretendida por Zeus entre os deuses, levando-os a disputas que poderiam resultar na deposição do pai de deuses e homens.

³⁹ Cf. Hes. *Op.* 160 e Hes. *Fr.* 155.100.

⁴⁰ Cf. Hes. *Op.* 158; trad. Werner (2013b, p. 41): “[...] δικαιότερον καὶ ἄρειον”.

⁴¹ Cf. Clay (2005, pp. 26-27).

⁴² Hes. *Op.* 161-165; trad. Werner (2013b, p. 41), grifos meus.

⁴³ Cf. Clay (2005, pp. 26-27).

⁴⁴ Hes. *fr.* 1.6-7: “Ξυναὶ γὰρ τότε δαῖτες ἔσαν, Ξυνοὶ δὲ θόωκοι/ ἀθανάτοις τε θελοῖσι καταθητοῖς τ' ἀνθρώποις.”

⁴⁵ Clay (2005, p. 28).

⁴⁶ Cf., a respeito da promessa de Zeus a Tétis, *Il.* 1.536 ss.; a respeito da proteção de Sarpédon, *Il.* 16.431 ss.; a respeito do favorecimento das deusas, *Il.* 4.5 ss.

A natureza da linhagem dos heróis, assinalada já no termo ἡμίθεοι, é marcada por uma ambiguidade que provém da sua genealogia ancestral: embora descendam de deuses, quer em nível primário (como filhos), quer em níveis secundários (como netos etc.), eles são sempre mortais, ainda que detentores de um potencial físico proveniente, como já mencionado, da sua ascendência divina⁴⁷.

Nesse sentido, da perspectiva do *Catálogo*, os heróis são entidades humanas que podem ser vistas como parte integrante do momento de desenvolvimento final do cosmo sob a ordem de Zeus, quando o lugar dos seres vivos no mundo ainda está sendo estabelecido, de modo que, assim como as criaturas prodigiosas, os heróis são seres de imenso poder que podem vir a romper a ordem pretendida por Zeus. Disso advém sua decisão de destruir essa linhagem⁴⁸.

O que são as criaturas prodigiosas, que são referidas sobretudo como monstros pela crítica, é um debate que só mais recentemente ganhou impulso. Em seu estudo seminal sobre os poemas hesiódicos, Jenny Strauss Clay entende essas figuras, que fazem parte, em particular, das genealogias apresentadas na *Teogonia*⁴⁹, como entidades de caráter anômalo e perigoso porque desafiam classificações e limites, além de se constituírem como seres híbridos, já que apresentam características geralmente díspares ou contraditórias, como “o humano e o bestial [...], mortal/imortal, jovem/velho e masculino/feminino”⁵⁰.

Em boa medida, contra essa visão, que é predominante nos estudos clássicos, coloca-se Camila Zanon, que em seu recente *Onde vivem os monstros* (2018) demonstra como a crítica costuma projetar anacronicamente o entendimento moderno do que seja um monstro sobre esse conjunto de criaturas que participa do desenvolvimento do cosmo apresentado pela poesia hexamétrica grega arcaica⁵¹. Segundo ela:

“Mais do que o hibridismo ou o excesso de alguma característica ou mesmo as disparidades entre velhice/juventude ou mortalidade/imortalidade, esses seres se apresentam como possuidores de um caráter extraordinário ou fantástico, que extrapola a observação da realidade imediata”⁵².

Referidos sobretudo pelos substantivos τέρας, πέλωρ e πέλορον e pelos adjetivos πέλωρος e πελώριος – termos estes que se aplicam também a deuses, heróis, objetos e também fenômenos naturais⁵³ –, essas criaturas devem ser entendidas por meio de três noções básicas:

⁴⁷ Cf. Nagy (2006, §70).

⁴⁸ Cf. Koning (2017, pp. 101-103).

⁴⁹ Cf. especialmente o chamado “catálogo dos monstros” em Hes. *Th.* 270-336.

⁵⁰ Clay (2003, pp. 151-152).

⁵¹ Cf. Zanon (2018, p. 245).

⁵² Zanon (2018, pp. 165-166).

⁵³ Cf. Zanon (2018, p. 68).

por meio da fórmula πολυχρύσου Ἀφροδίτης, que se configura, levando-se em conta a noção de multiformidade defendida por Lord⁵⁷, como equivalente de χρυσέην Ἀφροδίτην:

κούρη δ' Ὠκεανοῦ Χρυσάορι καρτεροθύμῳ
 μιχθεῖσ' ἐν φιλότητι πολυχρύσου Ἀφροδίτης 980
 Καλλιρόη τέκε παῖδα βροτῶν κάρτιστον ἀπάντων,
 Γηρυονέα, τὸν κτεῖνε βίη Ἡρακληεῖη
 βοῶν ἔνεκ' εἰλιπόδων ἀμφιρρύτῳ εἰν Ἐρυθείη.

A filha de Oceano, após a Espadouro ânimo-vigoroso
 unir-se em amor de *Afrodite muito-ouro*, 980
 Bonflux, *gerou* o filho mais vigoroso de todos os mortais,
Gerioneu, a quem matou a força heráclida
 pelos bois passo-arrastado em Eriteia banhada por correntes.⁵⁸

O fato de que essas duas criaturas nasçam sob o auspício de Afrodite é significativo, já que cada uma delas se configura numa ameaça a duas dimensões distintas do cosmo, isto é, ao passo que Tifeu se opõe à ordem cósmica de Zeus, sendo assim uma ameaça sobretudo para os deuses, Gerioneu se apresenta exclusivamente como ameaça aos humanos.

Uma vez que Gerioneu e outras criaturas prodigiosas como ele se constituirão como ameaça unicamente aos seres humanos⁵⁹, parece-me distintivo que Tifeu seja o único dentre essas criaturas a ser relacionado a Afrodite: se, por um lado, ele é um descendente prodigioso de Gaia que ameaça a ordem cósmica de Zeus, por outro, há criaturas prodigiosas, também descendentes dela, que colaboram para a vitória do deus, servindo-lhe de aliados, como é o caso dos Ciclopes, que lhe dão o trovão e forjam o raio⁶⁰, e também dos Centímanos, que lhe servem de artilharia contra os Titãs na Titanomaquia⁶¹.

Como examina Zanon, Tifeu não só é o único filho de Gaia a nascer de uma “união da deusa presidida por Afrodite”⁶² como também é fruto do enlace entre dois deuses primordiais, isto é, Gaia e Tártaro, o que faz com que o nascimento de Tifeu seja “um regresso literal a uma

⁵⁷ Cf. Lord (1960, pp. 99-100), para quem o poeta, diferentemente dos receptores letrados modernos do poema, parte de um esqueleto narrativo padrão, mas não de um texto fixo que deve ser reproduzido cena a cena, nem palavra por palavra. Disso decorre que cada performance, embora apresente a mesma história, o faz com fórmulas e temas variáveis, sem que haja algo original do qual o que é apresentado derive; sendo assim, tanto as fórmulas quanto os temas são multiformes.

⁵⁸ Hes. *Th.* 979-983; trad. Werner (2013a, p. 99), adaptada; grifos meus.

⁵⁹ Podemos elencar aqui, por exemplo, a Hidra de Lerna (Hes. *Th.* 313 ss.) e o Leão de Nemeia (Hes. *Th.* 327 ss.), ambas criaturas prodigiosas que, sob comando de Hera, opõem-se a Hércules e acabam vencidas por ele. A esse respeito, cf. Zanon (2018, p. 164).

⁶⁰ Cf. Hes. *Th.* 139-141; 501-505.

⁶¹ Cf. Hes. *Th.* 664-675.

⁶² Zanon (2018, p. 144).

era mais antiga”⁶³. Em última análise, conforme afirma Clay, para que Zeus estabeleça sua regência sobre o cosmo é preciso que ele suprima a fecundidade de Gaia, neutralizando “a estratégia dela de sempre se aliar à nova geração contra a anterior a fim de promover mudança às custas da estabilidade cósmica”⁶⁴.

Nesse sentido, portanto, é notável que o nascimento de Tifeu seja presidido por Afrodite, já que o nascimento dela foi resultado justamente da castração de Urano, um processo pelo qual ele não só foi separado de Gaia como teve sua própria fecundidade suprimida. Dessa forma, é como se Afrodite, promovendo a união entre Gaia e Tártaro, favorecesse a possibilidade do estabelecimento de um cosmo sob uma ordem às avessas, porque, se a primeira linhagem de Gaia era, de certa forma, parte ctônica e parte celestial, a segunda será inteiramente ctônica, uma vez que Tártaro se situa “no recesso da terra largas-rotas”⁶⁵. Governada por Tifeu caso não fosse vencido por Zeus, essa ordem seria marcada pelas características atribuídas ao seu governante, que é dito “assombroso, soberbo e sem lei”⁶⁶, e cujas ações têm uma “natureza ‘impossível de lidar’”⁶⁷.

Conclusão

Tendo em vista o que se demonstrou até aqui, concluo que Afrodite, sob sua caracterização formular multiforme *áurea*, é a deusa responsável pela geração não só da linhagem dos heróis, mas também de criaturas prodigiosas – ambos conjuntos de seres que representam, embora não em sua totalidade, uma ameaça potencial à ordem de Zeus, devido, sobretudo, ao seu poder físico. Nesse sentido, ainda que de forma indireta, já que Afrodite não confronta Zeus diretamente, a deusa pode se apresentar, em certo instante da história do cosmo, como sua antagonista, algo que, embora ausente no *Catálogo* e mesmo na *Iliada* e *Odisseia*, alguns poemas da tradição como o *Hino* põem em cena e desenvolvem, mas de forma tal que a deusa acaba por ser totalmente reintegrada à ordem estabelecida pelo deus.

Referências bibliográficas:

- BOEDEKER, Deborah D. *Aphrodite's entry into Greek epic*. Leiden: Brill, 1974.
- CÀSSOLA, Filippo. *Inni omerici*. Milão: Fondazione Lorenzo Valla, 1975.
- CLAY, Jenny S. The beginning and end of the Catalogue of Women and its relation to Hesiod
In: HUNTER, Richard. (Org.) *The Hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. New York: Cambridge University Press, 2005, pp. 25–34.

⁶³ Zanon (2018, p. 145); cf. ainda Clay (2003, p. 25, n. 37).

⁶⁴ Clay (2003, p. 26).

⁶⁵ Hes. *Th.* 119; trad. Werner (2013a, p. 39): “μυχῶ χθονὸς εὐρυσδέιης”.

⁶⁶ Hes. *Th.* 307: “δεινόν θ’ ὑβριστήν θ’ ἄνομον θ’”; trad. Zanon (2018, p. 147).

⁶⁷ Zanon (2018, p. 148).

- _____. *Hesiod's Cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FOLEY, John M. *Homer's traditional art*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1999.
- GRAZIOSI, Barbara; HAULBOLD, Johannes. *The Resonance of Epic*. London: Duckworth, 2005.
- HUNTER, Richard. (org.) *The Hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- KONING, Hugo. Helen, Herakles, and the end of the heroes. In: TSAGALIS, C. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017, p. 99-114.
- LAFER, Mary M. C. N. *Engenhos da sedução: Estudo sobre o Hino Homérico a Afrodite*. 152 p. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Grega) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- LORD, Albert. *The singer of tales*. Nova Iorque: Atheneum, 1971.
- MOST, Glenn W. *Hesiod: The Shield; Catalogue of Women; Other Fragments*. London: Harvard University Press, 2007.
- NAGY, Gregory. *The Epic Hero*. Washington: Center for Hellenic Studies, 2006. Disponível em <http://nrs.harvard.edu/urn-3:hinc.essay:Nagy.The_Epic_Hero.2005>. Acesso em: 01 out. 2019.
- PARRY, Milman. *The making of Homeric verse*. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- TSAGALIS, C. (org.) *Poetry in fragments: Studies on the Hesiodic corpus and its afterlife*. Berlin: De Gruyter, 2017.
- WERNER, Christian. *Hesíodo: Teogonia*. São Paulo: Hedra, 2013a.
- _____. *Hesíodo: Trabalhos e Dias*. São Paulo: Hedra, 2013b.
- ZANON, Camila A. *Onde vivem os monstros: criaturas prodigiosas na poesia de Homero e Hesíodo*. São Paulo: Humanitas, 2018.

